



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7460 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 09 - Trabalho e Educação

**A MISÉRIA DO SABER: CIÊNCIA, CULTURA E FORMAÇÃO HUMANA SOB AS NOVAS METAMORFOSES DO CAPITAL**

Helton Messini da Costa - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

**A MISÉRIA DO SABER: CIÊNCIA, CULTURA E FORMAÇÃO HUMANA SOB AS NOVAS METAMORFOSES DO CAPITAL**

*Se queremos que tudo fique como está é preciso que tudo mude.*

[*O Leopardo* de Giuseppe Tomasi di Lampedusa]

A crise econômica, sanitária, social e política que se abate com deveras violência sobre o Brasil sob o impacto da Pandemia do COVID-19, expressa um fenômeno muito mais amplo de crise geral do capital. Muito embora, *a priori*, a pandemia apresente-se como uma catalisadora da crise, em síntese, ela desnuda contradições de âmbitos muito mais complexos dentro desta fase do desenvolvimento do sistema metabólico do capital (ANTUNES, 2020). Portanto, uma análise mais precisa dos desdobramentos da pandemia na educação e na sociedade brasileira prescinde, necessariamente, em compreender a totalidade das relações econômicas, sociais e históricas que envolvem tanto a educação quanto o cenário pandêmico dentro da totalidade da crise estrutural do capital, tal como sublinhada por Mészáros (2011).

Desse modo, observamos com especial atenção no Brasil a fenômenos que se apresentam separadamente, como por exemplo, a escalada conservadora e negacionista capitaneada pelo governo de plantão, a paulatina organização dos chamados entregadores de aplicativos, greve dos trabalhadores dos correios, o debate sobre ensino remoto e educação à distância (EAD), manifestações dispersas de grupos indígenas, setores dos movimentos negros, quilombolas, trabalhadores sem terra, trabalhadores sem teto, setores dos movimentos LGBTT+, entre outros.

No entanto, tais fenômenos, particulares em sua aparência, expressam em sua concretude o movimento geral do capital nestas primeiras décadas do século XXI, movimento que na esteira da crise econômica de 2007/2008 busca impulsionar novas dinâmicas à acumulação capitalista. Com efeito, o cenário pandêmico e suas milhares de vítimas diretas e indiretas nos apresentam o Rei, isto é, o sistema metabólico do capital, inteiramente nu, como no conto do escritor escandinavo Hans Christian Andersen (1805 - 1875) (ANDERSEN, 2019).

Destarte, Marx (2014; 2017a; 2017b) em *O Capital*, sobretudo no livro III aponta para a tendência geral na queda das taxas de lucros, sinalizando o papel das crises enquanto contratendência, que como tal, produz rearranjos na estrutura de acumulação capitalista. Tal processo, manifestando-se em suas mediações e particularidades possibilita concretamente ou condiciona mudanças nas formas de trabalho, na organização da educação - que forma parte da força de trabalho -, nos interesses científicos, nas expressões da cultura e da arte, entre outras. Embora não linear, preenchido por contradições e envolta à luta de classes, as metamorfoses do capital - expressa em crises - preconizam novas formas de sociabilidade e, ao mesmo tempo, naturalizam-se e universalizam-se apoiadas nestas mesmas novas sociabilidades.

Neste sentido, intencionamos com este estudo discutir preliminarmente, com base no referencial do materialismo histórico dialético, em que medida o avanço do conservadorismo moral, do negacionismo científico, bem como, do fundamentalismo religioso e do fundamentalismo de mercado, como parte da crise estrutural do capital expressam essas novas formas de sociabilidade, fazendo parte do mesmo movimento que vem modificando as relações de trabalho, bem como, adentrando as discussões sobre escola e educação.

A educação aqui, em sentido amplo, conceberia um duplo interesse: em sua forma mercadoria, como matriz de acumulação, ela cada vez mais desperta o interesse dos grandes grupos corporativos; como *locus* privilegiado para a disseminação de um anti-saber, síntese de sua autodestruição em benefício de uma sociedade pós-saber. A contradição aqui exposta compreende a organização, por parte da dinâmica do capital de uma escola, uma educação e, em suma, uma cultura, que tem como alvo combater o saber, a cultura, a ciência e a educação até então constituída, em grande medida, pela própria burguesia.

Para tanto, é central neste estudo as categorias marxianas de trabalho, ideologia e valor (MARX 2014; 2017a; 2017b), pois explicitamos que, as metamorfoses do capital, dispostas em crises, constituem e são constituídas pelas transformações culturais, sociais e políticas, configurando-se parte do mesmo movimento. Assim, essas novas formas de sociabilidade incorporam determinações que subjazem as formas ideológicas disseminadas, naturalizadas e universalizadas pelas frações burguesas hegemônicas e, neste sentido, o conservadorismo moral, os fundamentalismos, o negacionismo e todo o espectro ideológico destas frações manifestam os novos padrões de acumulação e as transformações nas relações de trabalho que emergem como parte das metamorfoses do capital.

Não obstante, as categorias de Estado integral e hegemonia em Gramsci (1999; 2000) corroboram para compreendermos o movimento de acomodação cultural, disputas políticas e reestruturação produtiva do capital como parte do mesmo fenômeno, isto é, formas particulares do conteúdo capital, que prescinde ao mesmo tempo, para sua manutenção de se estabelecer como uma hegemonia possível dentro das margens de ação limitadas pela forma valor, ou seja, formadora de consenso para suas novas sociabilidades, incluindo aí, quando necessário, o consenso do uso da coerção.

Tais considerações entendem que, no limite, o que Gramsci (2000) concebeu como "reforma intelectual e moral" (GRAMSCI, 2000, p. 19), etapa fundamental - assim como, "um novo programa econômico" (*Ibid., Ibidem.*) - da emancipação humana, encontra-se em curso na formação de novas sociabilidades para um novo padrão de acumulação capitalista, porém, em seu sentido inverso, como promotora da desumanização humana, constituída por uma moral falsificada - descolada de ética e estética - e de um arrefecimento intelectual.

Portanto, consideramos que a máxima supracitada da obra de Tomasi di Lampedusa impele-nos a observar a degenerescência ética, moral e humana do sistema metabólico do capital que, tal como a arruinada aristocracia italiana, marcada ao desaparecimento em

Lampedusa (2017), busca novas formas de sua manutenção, de ser e estar hegemônica, ainda que para isso, condene ainda mais a quase totalidade da humanidade e seu ambiente de reprodução da existência as intempéries resultantes dos interesses do capital, a miséria material e a miséria do saber.

**Palavras chave:** Educação; Crise; Saber; Hegemonia; Trabalho.

## REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. *Os 77 Melhores Contos De Hans Christian Andersen*. Tradução de Alice Klesck, Pepita de Leão e Thiago Ponce de Moraes. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ANTUNES, Ricardo. *Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere. Vol. 3. Maquiavel. Notas sobre o estado e a política*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do cárcere. Vol. 1. Introdução ao estudo da filosofia; a filosofia de Benedetto Croce*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. *O leopardo*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. 2ed. São Paulo: Boitempo, 2017a.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política: o processo global da produção capitalista: livro III*. Tradução de Rubens Enderle. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2017b.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política: o processo de circulação do capital: livro II*. Tradução de Rubens Enderle. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MÈSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo à uma teoria da transição*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.